



PEDAGOGIAS DA IMPRENSA NEGRA: NARRATIVAS DE PRECONCEITOS RACIAIS NA INSTRUÇÃO (1916-1920)

Thanise G. Atolini¹
Maria Angélica Zubaran²

Resumo

O presente projeto de pesquisa investiga as pedagogias da imprensa negra no jornal *O Exemplo* e possui inestimável valor histórico e cultural para o resgate da memória dos afrodescendentes no pós-abolição. O objetivo central da pesquisa é analisar as denúncias de preconceitos na instrução, nas primeiras décadas do século XX, entre os anos de 1916 a 1920. Em termos metodológicos, num primeiro momento, mapeamos as principais denúncias de preconceitos raciais ocorridos na instrução. Em um segundo momento, analisamos como os discursos denunciastas construíram suas narrativas contra os preconceitos na instrução, valendo-se de múltiplos discursos, entre eles: o que reivindicava o negro como parte integrante do povo brasileiro, o que denunciava o preconceito de cor como imoral na educação cristã e o que via no preconceito a razão para “afugentar” as crianças negras das escolas. Destacamos cinco casos de denúncias de preconceito na instrução: O primeiro, ocorrido no Instituto Católico, da Vila de Estrela/RS, o segundo, ocorrido na Escola Complementar, em Porto Alegre, dirigida pelo Dr. Clemente Gonçalves Pinto, autor da obra *Seleta em Prosa e Verso*, utilizada nas escolas de educação pública e privada do Rio Grande do Sul. O terceiro, que se refere à expulsão de um aluno por ser negro, pelos padres do Colégio de Petrópolis no Rio de Janeiro, o quarto ocorrido no Colégio Nossa Senhora dos Anjos, em Porto Alegre e o quinto caso, do protesto contra a negativa do uso da palavra ao professor negro Vicente Ferreira, na comemoração de Tiradentes, no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Preconceito, Instrução, Jornal *O Exemplo*

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa investiga as pedagogias da imprensa negra do jornal *O Exemplo*, numa perspectiva ampla de pedagogia, que incluem para além dos processos educativos formais os discursos e práticas culturais empreendidas sem o objetivo explícito de ensinar, mas que também contribuíram na formação de condutas e modos de ser da comunidade negra nas primeiras décadas do século XX. Trata-se de compreender os discursos e representações das lideranças negras do jornal *O Exemplo* sobre a educação, identificando e problematizando os modos de educar das lideranças afro-porto-alegrenses nos editoriais do jornal *O Exemplo*. Portanto, trata-se de uma pesquisa que prioriza o entendimento dos próprios afrodescendentes sobre educação. Que discursos e representações esses intelectuais negros articularam em suas denúncias contra os preconceitos raciais na educação? Quais foram os ensinamentos mais recorrentes acionados pelas denúncias contra o preconceito na instrução? De que forma as denúncias contra os preconceitos na instrução contribuíram na construção de identidades negras? Essas são algumas das questões que pretendemos abordar nesta pesquisa.

¹ Aluna do curso de graduação em História – Bolsista PROBIC/FAPERGS – thaniguerini@gmail.com

² Professora do curso de graduação em História e do PPGEDU – angeliczubaran@yahoo.br

METODOLOGIA

O artefato cultural analisado nesta pesquisa é o jornal *O Exemplo*, no período entre 1916 e 1920. Trata-se de uma análise dos discursos e representações mais recorrentes nas narrativas sobre preconceitos raciais na educação no Rio Grande do Sul e as possíveis pedagogias culturais que este periódico fez circular na cultura. Neste sentido, pretende-se neste estudo investigar a positividade pedagógica do jornal *O Exemplo*, buscando refletir sobre o impacto da mídia impressa, particularmente da imprensa negra nos processos de formação dos sujeitos negros e na construção de suas subjetividades e identidades. Conforme mostrou Rosa Maria Bueno Fischer (2001), em suas pesquisas, “a mídia opera no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (p.12). Também os estudos sobre a imprensa negra têm destacado de forma unânime a importância que esses periódicos atribuíram à educação da comunidade negra no pós-emancipação. José Antônio dos Santos (2003) destacou em seu estudo sobre o jornal negro *A Alvorada*, de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que um dos objetivos da imprensa negra no pós-abolição era indicar regras morais e de comportamento para a comunidade negra gaúcha. O autor chama a atenção para os discursos pedagógicos proferidos pelas lideranças negras que demonstravam sua preocupação com o futuro dos negros no pós-abolição.

Em termos teóricos, trata-se de uma pesquisa que articula o campo teórico dos Estudos Culturais, particularmente os estudos sobre mídia e educação, com os estudos que investigam relações étnico-raciais e educação. Considera-se o jornal *O Exemplo* como um artefato cultural, que não apenas informa, mas que contribui na formação e construção das identidades negras. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (1999, p. 140), tal como a educação, outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma pedagogia, também ensinam coisas. Tanto a educação como a cultura, em geral, estão envolvidas em processos de formação dos sujeitos (SILVA, 1999, p.139).

Neste sentido a relevância deste estudo está relacionada às demandas educacionais do tempo presente, tanto a Lei nº10.639/2003 quanto a Lei nº 114665/2008 e também às Diretrizes Curriculares para o Ensino das Relações Étnico-Raciais (2004), que incentivam o estudo da cultura e da história afro-brasileira e africana. Salienta-se ainda, a importância do acervo do jornal *O Exemplo*, cujas coleções foram recentemente digitalizadas e estão disponibilizadas para pesquisa online na plataforma Cultura Digital. A importância da pesquisa se dá também por ser um estudo que prioriza a cultura dos afrodescendentes, seus valores e visões de mundo na perspectiva de uma educação antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imprensa negra, em particular o jornal *O Exemplo*, transgrediu e ultrapassou os limites do discurso racista dominante, quando os redatores afrodescendentes desafiaram simbolicamente as restrições impostas aos negros e denunciaram os preconceitos raciais na instrução.

Os discursos denunciados construídos pelos redatores do jornal *O Exemplo* contra os preconceitos na instrução, valeram-se de múltiplos argumentos, entre os quais destacamos cinco casos entre outros, que foram nomeados no jornal como “preconceito na instrução”, para demonstrar o caráter transgressor dessas narrativas que romperam com os limites impostos pelo racismo à educação de afrodescendentes. O primeiro caso, ocorrido no Instituto Católico, da Vila de Estrela/RS, o segundo, ocorrido na Escola Complementar, em Porto Alegre, dirigida pelo Dr. Clemente Gonçalves Pinto, autor da obra *Seleta em Prosa e Verso*, amplamente utilizada nas escolas de educação pública e privada do Rio Grande do Sul. O terceiro, que se referia à expulsão de um aluno por ser negro, pelos padres do Colégio de

Petrópolis no Rio de Janeiro, o quarto ocorrido no Colégio Nossa Senhora dos Anjos, em Porto Alegre e o quinto caso, do protesto contra a negativa do uso da palavra ao professor negro Vicente Ferreira, na comemoração de Tiradentes, no Rio de Janeiro.

No presente estudo, destacaremos três dos casos de preconceito de cor na instrução, ocorridos no Rio Grande do Sul. A primeira denúncia referia-se ao preconceito de cor na instrução no Instituto Católico, na Vila de Estrela/RS. De acordo com os redatores, a irmã diretora do Colégio, irmã Branca, não aceitou duas meninas negras para estudarem na instituição. Quando apresentadas à diretora do colégio, ela justificou que ali não se aceitavam negros! Os redatores do jornal *O Exemplo* assim relataram o caso:

O fato que hora vamos relatar para melhor compreensão do quanto pode a cínica desfaçatez monástica, ocorreu há poucos dias. Fora desta capital, confiando nas promessas de algumas irmãs do Colégio Nossa Senhora dos Anjos, com destino a Estrela, um dos nossos mais conhecidos patrícios, cavalheiro de fino trato e funcionário público. Queria ele confiar duas irmãzinhas aos cuidados do instituto católico existente naquela vila. Como não houvesse tais crianças nascido nas religiões plácidas do Reno, nem nos confins remotos do Cáucaso, tinham elas na epiderme, o estigma das mescladas raças do Brasil, deste Brasil que tão generosamente há acolhido as mais diversas populações humanas. Era de crer que o sentimento cristão propiciasse um resquício de pudor às freiras educacionistas de Estrela. (*O Exemplo*, 20 de fevereiro de 1916, p.1)

Os jornalistas construíram sua denúncia do preconceito de cor no Instituto Católico, argumentando que se tratava de um ato contra “as doutrinas de fraternidade difundidas pela religião cristã”, criticando a “fé falsaria” e a “desfaçatez monástica” das irmãs católicas. Assim se manifestaram:

Como se os mesclados do Brasil não estivessem na própria terra que os viu nascer! Como se eles não fossem tão filhos de Deus, como o melhor estrangeiro que pisou este solo abençoado! Como se os aventureiros que aqui aportam, ainda mesmo sob trajes monacais, tivessem arras para se superporem aos filhos do país! Como se estes devessem ser lacaios! Como se Cristo privasse alguma raça de comungar na sua crença! Estúpido arrojo! Cínica ousadia! (*O Exemplo*, 20/fev/1916, p.1)

O segundo caso em debate estava relacionado ao Dr. Alfredo Clemente Pinto, autor da obra *Seleta em Prosa e Verso*, diretor da Escola Complementar de Porto Alegre, que “ordenara que as colegiais de cor trigueira ou morena não figurassem nas homenagens que a Escola Complementar realizaria, como realizou, no Teatro São Pedro, no sete de setembro de 1916, em homenagem à Independência da Pátria” (*O Exemplo*, 10/set/1916, p.1). O caso foi amplamente divulgado no jornal *O Exemplo* e teve grande repercussão, aparecendo em várias edições do jornal. O articulista assim se posicionou:

Sentimo-nos obrigados a protestar contra a orientação odiosa que o Dr. Clemente Pinto acaba de implementar na Escola Complementar encetando mesquinhos preconceitos e assim estabelecendo dissensões entre as alunas daquela escola. Lamentamos que o Dr. Clemente Pinto de agora seja um antagonista do Dr. Clemente Pinto, autor da *Seleta em Prosa e Verso*, adotada nas escolas públicas e particulares (*O Exemplo*, 10/set/1916, p.1).

Nas narrativas que se seguiram, os jornalistas afrodescendentes combateram o preconceito de raça do Dr. Clemente Pinto reafirmando-se como brasileiros e destacando a contribuição do negro na construção da nação e representando o negro como parte integrante do povo brasileiro:

E por que tudo isso? Pois não deve ser o educacionista o maior cultuador dos fatos e grandezas da História da Pátria? Como julgará sua excelência os

vultos de Henrique Dias, José do Patrocínio, André Rebouças, Cruz e Souza, Cotegipe e outros tantos homens de nossa nacionalidade, aos quais Deus facultou a cor de Otelo? Como aludirá aos feitos deles em suas aulas? Naturalmente, de acordo com o critério que adotou para as festas de 7 de setembro proscurendo a coparticipação das meninas de cor nas homenagens à independência da pátria, sua excelência deve considerar muito mal aos heróis nacionais que não tiveram ou não tem epiderme alva (*O Exemplo*, 10/set/1916, p.1).

Neste sentido, esses jornalistas estrategicamente associaram o combate aos preconceitos raciais na instrução com a defesa da nação, da pátria e do patriotismo e assim subverteram seus significados dominantes, construindo suas identidades “como filhos de um mesmo país” e argumentando em favor da “unificação de todos”:

Não é possível! Um educacionista que se preze e tenha integra consciência de sua missão não acolhe nem estimula preconceitos nefastos, que só podem contribuir para abrir dissensões amargas entre filhos de um mesmo país. O dr. Clemente Pinto é um educacionista que se deve prezar, que almeja certamente a unificação total de todos os brasileiros para que a grandeza de nossa nacionalidade seja efetiva [...] mas, infelizmente, semeou seleções para fazer germinar odiosidades mesquinhas e preconceitos odiosos entre as alunas [...] revelou-se mais preconceituoso que patriota! (*O Exemplo*, 10/set/1916, p.1)

No terceiro caso, ocorrido no Colégio Nossa Senhora dos Anjos, em Porto Alegre, o preconceito de cores foi denunciado como uma das razões da evasão escolar das crianças negras e lembrado como “um dos espantalhos a afugentar a frequência às escolas” o que segundo os redatores mostrava “o critério falho desses professores pagos pelo governo para distribuir o ensino ao povo [...] falseando esse princípio com a grosseira seleção de cores”. Neste excerto, o articulista fazia uma crítica aos professores da escola pública, mencionando em uma linguagem de cunho higienista, ser necessário “um vasto saneamento no nosso corpo magistral” (*O Exemplo*, 23/jun/1918, p.1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos mais recorrentes acionados pelos intelectuais negros nas denúncias contra o preconceito na instrução no jornal *O Exemplo* referiram-se à nação, à religião católica e a evasão escolar de crianças negras.

Os possíveis ensinamentos ou pedagogias culturais que as denúncias contra o “odioso preconceito de raça” na instrução produziram e fizeram circular priorizaram os valores afrodescendentes na defesa da “pátria” e de uma educação antirracista, que “contribuísse para a união de todos”.

REFERÊNCIAS

- FISCHER, Rosa M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito Racial: modos, temas e tempos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)**. Pelotas: EDUFPEL, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo/** Tomaz Tadeu da Silva. – 3. Ed; 5. reimp – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2014.